

## VOTO DE PESAR PELO FALECIMENTO DE MIGUEL PORTAS

Depois de mais de dois anos de luta contra o cancro, Miguel Portas, um dos aderentes fundadores do Bloco de Esquerda, faleceu no passado dia 24 de Abril, com 53 anos.

Ativista político desde muito cedo, foi preso pela polícia política da ditadura portuguesa quando tinha apenas 15 anos. No entanto, nunca desitiu. Marcou sempre presença nas manifestações de estudantes contra o regime, partilhando a esperança proibida de mudar um país. Lutou sempre pelo fim da guerra pela independência das então colónias portuguesas, pelo fim da ditadura e por um mundo mais justo. Testemunhou o 25 de Abril e lutou sempre pelos seus ideais.

Do seu percurso político fazem parte, em 1973, a desão à União dos Estudantes Comunistas, da qual foi membro da sua Comissão Central em 1974.

Foi militante do Partido Comunista Português entre 1974 e 1991, e nesse mesmo ano, foi co-fundador da Plataforma de Esquerda .

Em 1994 criou a Política XXI.

Foi um dos fundadores do Bloco de Esquerda, em 1999.

Em 2004 foi o primeiro eurodeputado deste partido, tendo sido reeleito em 2009.

Foi dirigente do Bloco de Esquerda até à sua morte.

Apaixonado pela vida, pelo multiculturalismo e pelas pessoas, teve uma vida pessoal e profissional plena de criatividade. Foi co-autor e apresentador de duas séries documentais televisivas sobre o “Mar das Índias” (2000) e sobre o Mediterrâneo, em 'Périplo' (2004), e escreveu dois livros sobre esta região, “No Labirinto” (2006) e, com Cláudio Torres, 'Périplo' (2009). Publicou também 'E o resto é paisagem' (2002), uma recolha de crónicas, ensaios e reportagens.

Trabalhou ainda em programas culturais de diversos municípios. Fez parte da redação da revista “Contraste” e foi editor de cultura do jornal “Expresso”. Fundou o jornal “Já” e a revista “Vida Mundial”, publicações das quais foi diretor.

O seu falecimento suscitou tomadas de posição e todos os quadrantes políticos, o que realça o seu lado humano e a importância dos seus contributos para uma democracia mais intensa. São assim demonstrações tanto da sua combatividade como do seu respeito pelos outros, que era uma das marcas distintivas do seu compromisso consigo próprio. A democracia era a sua vida e não a concebia sem se entregar totalmente ao que mais gostava de fazer: a intervenção pública e cidadã.

Na sua última entrevista, disse: “A minha vida valeu a pena porque ajudei os outros”. Tinha razão.

Assim, a Assembleia Municipal de Aveiro apresenta à sua família e amigos as mais sentidas condolências, juntando-se a todas as vozes que lamentam a sua perda e a forma como esta empobrece a democracia.